

Impactos psicológicos do adoecimento por câncer em jovens

Psychological impacts of cancer illness in young people

Impactos psicológicos de la enfermedad del cáncer en los jóvenes

Recebido: 21/01/2022 | Revisado: 20/02/2022 | Aceitado: 18/10/2022 | Publicado: 22/10/2022

Antonio Pereira da Cruz Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3953-0004>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: antonio.cruz@ufms.br

Alberto MESAQUE MARTINS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6032-3122>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

Resumo

Objetivo: Esse estudo trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa e tem como objetivo identificar e analisar a produção científica dos últimos quinze anos (2006-2021) acerca dos impactos psicológicos do adoecimento por câncer e do tratamento oncológico, em jovens. *Método:* Por meio de descritores específicos “adulto jovem” e “câncer”, foram selecionados sete artigos científicos, disponíveis nas bases virtuais de dados: Google acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Scientific Electronic Library Online (SciELO). *Resultados:* De modo geral, é possível apontar que o diagnóstico de câncer e o tratamento oncológico, configuram-se como experiências marcantes na biografia dos adultos jovens. Uma vez que, culturalmente, a juventude é associada à saúde e à construção de projetos para o futuro, o adoecimento impõe-se à vida dos jovens, exigindo uma reconstrução dos seus modos de vida. Nota-se ainda um maior número de estudos desenvolvidos por médicos e uma menor publicação pelas ciências humanas e sociais, como a Psicologia. *Conclusões:* Apesar da importância da temática, os resultados apontam para uma produção ainda incipiente sobre o tema dos impactos psicológicos do adoecimento por câncer em jovens.

Palavras-chave: Psicologia da saúde; Câncer; Jovens.

Abstract

Objective: This study is an integrative review research and aims to identify and analyze the scientific production of the last fifty years (2006-2021) on the psychological impacts of cancer and cancer treatment in young people. *Methods:* Through specific descriptors; Young Adult and Cancer and Young Adult and Cancer, seven scientific articles were selected, available in virtual databases: Google academic, Electronic Journals in Psychology (Pepsic), Scientific Electronic Library Online (SciELO). *Results:* In general, it is possible to point out that the diagnosis of cancer and oncological treatment are configured as remarkable experiences in the biography of young adults. Since, culturally, youth is associated with health and the construction of projects for the future, illness imposes itself on the lives of young people, requiring a reconstruction of their ways of life. There is also a greater number of studies developed by physicians and a smaller number of publications by the human and social sciences, such as Psychology. *Conclusion:* Despite the importance of the theme, the results point to an incipient production on the subject of the psychological impacts of cancer in young people.

Keywords: Health psychology; Cancer; Young people.

Resumen

Este estudio es una investigación de revisión integradora y tiene como objetivo identificar y analizar la producción científica de los últimos quince años (2006-2021) sobre los impactos psicológicos del cáncer y el tratamiento del cáncer en jóvenes. Utilizando los descriptores específicos “adulto joven” y “cáncer”, se seleccionaron siete artículos científicos, disponibles en bases de datos virtuales: Google academic, Electronic Journals in Psychology (Pepsic), Scientific Electronic Library Online (SciELO). En general, es posible señalar que el diagnóstico de cáncer y el tratamiento oncológico se configuran como experiencias destacables en la biografía de los adultos jóvenes. Dado que, culturalmente, la juventud está asociada a la salud ya la construcción de proyectos de futuro, la enfermedad se impone en la vida de los jóvenes, exigiendo una reconstrucción de sus modos de vida. A pesar de la importancia del tema, los resultados apuntan para una producción incipiente sobre el tema de los impactos psicológicos del cáncer en jóvenes. También hay un mayor número de estudios desarrollados por médicos y un menor número de publicaciones de las ciencias humanas y sociales, como la Psicología.

Palabras clave: Psicología de la salud; Cáncer; Juventud.

1. Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, existem cerca de 49,95 milhões de jovens, com idade entre 15 e 29 anos (IBGE, 2018). Ainda segundo o IBGE, o número de jovens, no Brasil, vem se demonstrando decrescente nos últimos anos, fazendo com que o país deixe de ser um país jovem para se tornar um país de adultos e idosos (IBGE, 2018).

Ainda que, culturalmente, existam concepções sobre a fase adulta, as definições de juventude ainda não são especificamente claras, possuindo uma diversidade de perspectivas que, em geral, a tratam como um período de transição entre a adolescência para a idade adulta (Salles, 2005). O imperativo “ser jovem”, expresso pelas ideias de juventude de corpo e emoção, gera nos indivíduos o desejo de efetuar uma corrida contra o tempo para não envelhecer (Rossi, 2001). De acordo com a literatura científica, não é possível citar um único ponto de vista que identifique um conjunto ao qual os jovens são pertencentes, pois trata-se de uma classe em constante construção indenitária (Salles, 2005). Portanto, cabe falar em diferentes juventudes, no plural, que possuem a construção da identidade como questão central, mas que se destacam no imaginário social a partir de múltiplas referências da sociedade (Souza & Paiva, 2012).

Além disso, a juventude não se trata de uma única abordagem concreta, mas de diversos conceitos, difundidos de uma representação histórica dessa comunidade (Souza & Paiva, 2012). A temática sobre a juventude, é constantemente enunciada e associada a conteúdos referentes à educação, violência, saúde, moda, religião, sexo, trabalho, estética, esporte, drogas e dentre outros (Sposito & Carraro, 2003). Considerando as inúmeras críticas sociais desenvolvidas sobre o assunto, é recorrente que a juventude seja vista como fase de indecisão, pelo fato de nela, serem formadas ou tomadas as decisões cruciais para a vida (Soares, 2015). De acordo com Rossi (2007) a juventude ou a adolescência ocorre no momento em que o indivíduo se separa da infância por ser invadido fisiologicamente pelos caracteres sexuais secundários e, ao mesmo tempo, situa-se sociologicamente num lugar de sujeito adulto (Rossi, 2001).

Além das diversificadas abordagens sobre o tema, outro ponto que se faz de suma importância, é em relação ao adoecimento da população jovem, ganhando destaques em estudo, relacionado a saúde da população mundial (Horta; Sena, 2010). Na fase da juventude, onde se caracteriza por constantes transformações, o adoecimento se faz contrário ao que se espera um sujeito jovem saindo da adolescência e se preparando para a vida adulta (Canesqui, 2007). Para Canesqui (2007) a vivência do adoecimento, nessa etapa do desenvolvimento, aponta para a valorização de determinados aspectos relacionados à convivência com a enfermidade, como as rupturas da rotina cotidiana e o gerenciamento e adaptação à doença (Canesqui, 2007).

Correlacionando a fase de construção da adolescência e juventude às dificuldades emocionais durante esse processo, o adoecimento dessa população se insere na contramão de projetos futuros (Salles, 2005). Ainda sobre o adoecimento de jovens é importante destacar que as doenças crônicas têm gerado grande atenção, no campo da saúde, nas últimas décadas devido ao papel que desempenham na morbimortalidade da população mundial (Mello, 2011). Embora não exista um número significativo de estudos abrangendo o assunto, está cada vez mais comum, o diagnóstico oncológico em pacientes jovens (Hermes; Lamarca, 2013).

Além das transformações resultantes das experiências na fase da juventude, Duarte e Galvão (2014) ressaltam que o diagnóstico de câncer impõe mudanças na rotina, relacionadas ao estilo de vida do paciente, com câncer, bem como os hábitos comuns da fase juvenil. Ainda nessa vertente, os jovens sofrem mudanças no processo de adoecimento e hospitalização, e a maneira como estes sujeitos passarão por este período, pode ser influenciada pelo tipo de tratamento e suporte multidisciplinar e psicossocial (Duarte & Galvão, 2014). Segundo Volpini (2007):

No caso de câncer durante a adolescência, este período se torna duplamente difícil, visto que, além de vivenciar o processo de adolecer, a doença provoca muitas outras alterações em suas vidas e de suas famílias, exigindo readaptações frente à nova situação e estratégias para o enfrentamento (Volpini, 2007, p.4).

Apesar da incipiência dos estudos acerca do câncer em jovens, algumas pesquisas indicam que adolescentes com câncer correspondem a um grupo de pacientes que apresentam características divergentes quando comparado a outros grupos oncológicos (Presti et al, 2011). Segundo Bley (2007) o diagnóstico de câncer na adolescência, em centros de referência do câncer, é cerca de três vezes maior após os 15 anos de vida, do que na fase infantil.

O câncer ainda constitui um problema de saúde pública nas nações em desenvolvimento e também para o mundo (Ministério da Saúde, 2007). De acordo com pesquisas efetuadas pelo Instituto Nacional de Câncer José de Alencar (INCA), entre os anos de 2020 e 2022, podem ocorrer cerca de 625 mil novos casos de câncer no Brasil. Ainda segundo o INCA (2020), em anos anteriores, essa estimativa chegou a 18 milhões de casos de pessoas adoecidas por câncer, sendo que, por volta de 9 milhões acabaram vindo a óbito (INCA, 2020) Em função de seu estigma social, e de sua associação com a morte, o câncer é uma doença que ainda provoca medo nas pessoas (Ceolin, 2008). Desta forma, na sociedade atual, a morte não é somente escondida, mas, como acontece na maioria das vezes, há um movimento de negá-la e evitá-la (Rossi, 2001). Segundo Rossi:

A morte de um jovem ou a sua possibilidade contradiz às expectativas da sociedade com relação a essa faixa etária, pois é visto como daqueles que “ainda têm muito pela frente”, como concluir os estudos, formar uma família e ser independente” (Rossi, 2001, pág. 171).

Já o comportamento do paciente ao receber o diagnóstico de câncer, vai decorrer das propriedades individuais de cada pessoa, do método do procedimento, da sua relação com a doença, condições sociais e ambientais (INCA, 2011). Ao receber o diagnóstico, a pessoa com câncer vive um período de angústias e incertezas, atravessado pelo questionamento de como será o amanhã (INCA, 2014). Apesar dos avanços tecnológicos em prol do tratamento, pacientes oncológicos ainda convivem com questões não respondidas, sobre o tratamento e cuidados, frente ao diagnóstico, e na fase de aceitação, existe também a busca pelos diferentes profissionais na expectativa de um diagnóstico contrário, além de estudos mostrarem pouca aceitação e busca pelo tratamento (INCA, 2014). Durante a etapa de tratamento, torna se essencial o amparo por partes da família e toda equipe de apoio, assim como, o trabalho do psicólogo, se faz fundamental para família e, sobretudo, para o paciente que irá dispor de um espaço para contar suas angústias, medos e inseguranças diante da doença (Domingues et al, 2013).

Os modos de tratamento do câncer podem acarretar a debilitação e cansaço do paciente, justamente pelo fato do organismo não estar em perfeita capacidade de execução, ocasionando a diminuição de ações que, antes do diagnóstico, eram corriqueiras (Ortiz & Freitas, 2002). Em alguns casos, os pacientes com câncer são excluídos de atividades adequadas à idade, em decorrência de episódios de adoecimento, restrições funcionais e também por medo da reação de colegas (Ortiz & Freitas, 2002). Segundo Nascimento e Loiola (2018):

Em meio ao seu próprio processo de desenvolvimento, o adolescente com câncer se depara com um mundo diferente do qual ele é acostumado, e além de lidar com as mudanças naturais da sua fase, ele terá que lidar com as mudanças que a hospitalização e a doença impõem (Nascimento; Loiola, 2018).

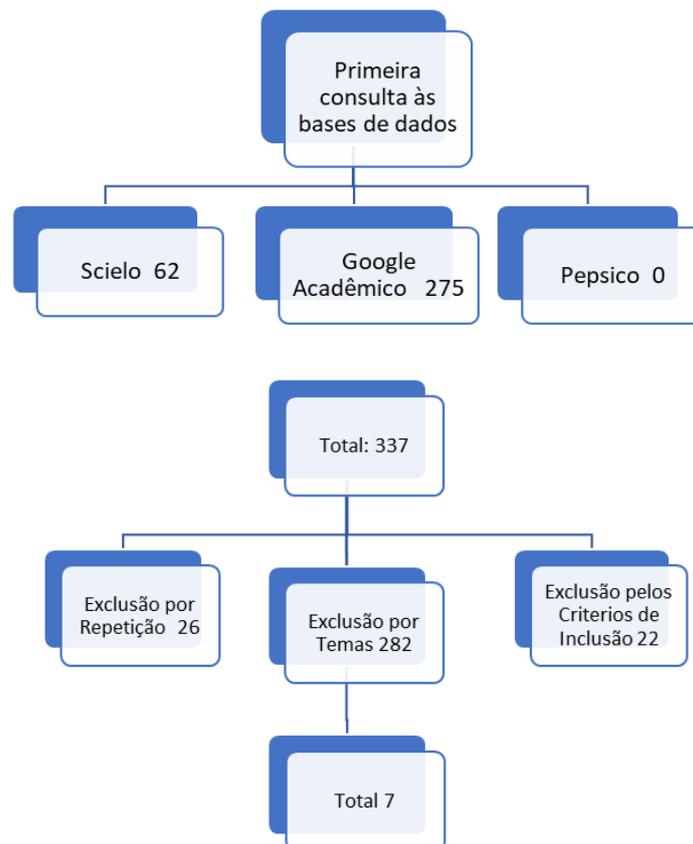
Esses desafios podem se tornar ainda mais preocupantes ao se considera a população jovem com câncer que, além das implicações do adoecimento e tratamento oncológico, vivenciam uma etapa de mudanças e desafios existenciais (Bustos, 2017; Dochert et al., 2013). Nessa perspectiva, esse estudo tem como objetivo identificar e analisar a produção científica, publicada entre os anos de 2006 e 2021, acerca dos impactos psicológicos do adoecimento por câncer em jovens.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de Revisão Integrativa que, segundo Mendes et al. (2008) refere-se a um “método que permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo” (p. 760).

A coleta de dados se deu através de consultas virtuais aos seguintes bancos de dados: Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). As buscas foram realizadas através da utilização de combinações dos seguintes operadores booleanos: Adulto Jovem e Câncer e, Young Adult and Câncer. Para a seleção dos estudos foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: a) ser artigo científico disponível nos bancos de dados citados acima; b) ter sido publicado nos, últimos quinze anos, ou seja, no período de 2006 a 2021; c) estar nos idiomas português, inglês ou espanhol; d) possui versão completa do texto, on-line e gratuita, e) estar relacionado ao tema da investigação. A Figura 1 apresenta uma síntese do processo de busca e seleção dos manuscritos.

Figura 1. Fluxograma criado para entender o processo de busca nas bases de dados e seleção dos artigos para desenvolvimento do estudo.



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme descrito na Figura 1, na primeira etapa foram encontrados 337 artigos que foram sistematizados em uma planilha de Excel. Ainda nessa etapa, foram excluídos 26 trabalhos por se tratar de textos repetidos, em mais de um dos bancos consultados e 282 excluídos por não estarem relacionados ao tema da presente investigação, como artigos que abordavam a população jovem, mas numa perspectiva biológica e da clínica médica tradicional. Em seguida, foi feita a leitura dos resumos dos artigos identificados buscando selecionar apenas os estudos que tratassem especificamente dos impactos psicológicos do adoecimento por câncer em jovens. Ainda nesta fase, foram excluídos outros 22 artigos que não se enquadravam nos critérios

de seleção, seja pelo período de publicação, por não contribuir para a resolução da questão norteadora da pesquisa ou por serem artigos pagos. Ao final, apenas sete artigos atingiram os critérios de seleção e compuseram o corpus de análise do presente estudo, conforme descrição na Tabela 1.

No primeiro momento, realizou-se uma caracterização geral dos artigos selecionados. Nesse sentido, os artigos selecionados foram sistematizados em uma planilha do Excel, descrevendo os autores dos manuscritos, ano e periódico de publicação, bem como o objetivo geral de cada estudo selecionado, dentre outros, possibilitando assim, caracterizar de forma geral a produção científica sobre o tema. Em seguida, realizou-se uma leitura de todos os sete artigos selecionados buscando apreender os principais achados de cada texto, comparando-os e construindo categorias temáticas a partir dos resultados. Por fim, foi construído um texto problematizando as categorias temáticas identificadas e buscando construir uma articulação entre os principais consensos e discordâncias entre os autores acerca da questão norteadora da pesquisa.

3. Resultados

Na Tabela 1 encontram-se a relação dos artigos identificados e selecionados para o estudo. Em seguida, será apresentada uma caracterização geral dos estudos analisados e, finalmente, a integração dos resultados.

Tabela 1. Caracterização geral dos artigos selecionados.

Título	Autoria	Ano	Objetivos	Revista
Psychosocial dimensions of cancer in adolescents and young adults	Evan & Zeltzer	2006	Identificar o que se sabe sobre as dimensões psicossociais do câncer em adolescentes e adultos jovens.	American Cancer Society
From “invincibility” to “normalcy”: Coping strategies of young adults during the cancer journey	Miedema et al.	2007	Averiguar estratégias utilizadas no enfrentamento de adultos jovens com câncer.	Palliative & Supportive Care
A vida após o câncer infantojuvenil: experiências dos sobreviventes.	Whitaker et al.	2013	Identificar as repercussões dos efeitos tardios do tratamento na qualidade de vida dos sobreviventes do câncer infantojuvenil.	Revista Brasileira de Enfermagem
Trajectories of psychological distress in adolescent and young adult patients with cancer: a 1-year longitudinal study	Kwak et al.	2013	Examinar a prevalência e as mudanças nos sintomas de sofrimento psicológico ao longo de 1 ano após a diagnóstico de câncer em pacientes adolescentes e adultos jovens com câncer.	Journal of Clinical Oncology
Alterações psicológicas em adultos jovens que sobreviveram ao câncer: uma análise de sua qualidade de vida	Zaremba et al.	2015	Determinar a prevalência de alterações psicológicas em pacientes adulto-jovens sobreviventes ao câncer	Clinical Oncology Letters
The adolescent and young adult with cancer: a developmental life course perspective	Docherty et al.	2015	Investigar o que se sabe sobre o impacto do câncer e seu tratamento no mundo biopsicossocial do adolescente e do adulto jovem.	Seminars in Oncology Nursing
Análisis de la Toma de Posición en un caso de adulto joven con cáncer desde la perspectiva Existencial	Bustos	2017	O objetivo é conhecer a tomada de posição a partir do diagnóstico e o tratamento consequente do câncer; aprofundando em aspectos pessoais que puderam desencadear.	UniversidV Del Acongua - Facultad de Psicología

Fonte: Dados da pesquisa.

3.1 Características gerais dos estudos identificados

Dos artigos selecionados, cinco foram desenvolvidos com adolescentes e adultos jovens, independente do gênero. Apenas três artigos desenvolvidos somente com adultos jovens. Em consulta ao Currículo Lattes dos primeiros autores de cada manuscrito, observa-se que três foram escritos por acadêmicos de medicina, um por médico, um artigo desenvolvido por um professor em psiquiatria, outro por duas enfermeiras e um artigo escrito por acadêmico de psicologia, revelando uma maior produção de acadêmicos ligados a medicina e profissionais da enfermagem, em relação ao tema. Os países de origem da investigação analisados foram: Brasil (2), Estados Unidos (4), América Latina (1). Quanto aos métodos utilizados, foram encontradas duas revisões bibliográficas, cinco pesquisas de campo.

De modo geral esses resultados revelam pouco desenvolvimento de artigos científicos sobre o tema, no Brasil e em outras regiões do mundo. Também, percebe-se um maior número de publicações sobre o tema em periódicos localizados nos Estados Unidos, sobre tudo em revistas biomédicas. Quanto ao tipo de pesquisa utilizada, os setes artigos desenvolveram entre pesquisas qualitativas, transversal e descritiva. Os métodos de coleta variaram entre revisões bibliográficas e relatos de experiência. Já os métodos de análise mais utilizados foram as análises de conteúdo e do discurso. Nota-se ainda um maior número de estudos desenvolvidos por médicos e uma menor publicação pelas ciências humanas e sociais, como a Psicologia.

4. Discussão

4.1 Experiências de adoecimento e tratamento

De modo geral, observa-se que a maior parte das publicações selecionadas, demonstram preocupação com a saúde mental e bem-estar dos adultos jovens acometidos pelo câncer. Apesar das variadas perspectivas das publicações, identificou-se um aspecto constante no conjunto de estudos analisados, enfatizando o adoecimento por câncer como uma experiência

marcante e significativa, colocando os jovens diante da necessidade de realizar adaptações no seu cotidiano e aprender a viver com elas (Whitaker et al., 2013; Kwak et al., 2013).

Nesse sentido Kwak et al. (2013) e Docherty et al. (2015) enfatizam que o diagnóstico de câncer mobiliza os adolescentes e adultos jovens na busca de uma reorganização cognitiva a fim de compreenderem a gravidade de sua doença, bem para a construção de estratégias de enfrentamento dos seus riscos e possíveis sequelas (Docherty et al., 2015). De forma semelhante, Kwak et al. (2013) descrevem que os pacientes adolescentes e adultos jovens com experiência de câncer, passam por altos níveis de angústia, tanto no momento do diagnóstico, assim como no momento da transição para a sobrevivência, após o tratamento (Kwak et al., 2013).

Além disso, Docherty et al. (2015) evidenciam que não há diferenças significativas de níveis de sofrimento psicológico, entre os sobreviventes e os recém-diagnosticados com câncer. Contudo, os autores também identificaram níveis de maiores angústias e crenças negativas, em relação à percepção de saúde, sobretudo entre os pacientes recém-diagnosticados. (Docherty et al., 2015).

Outro fator presente em alguns estudos analisados está relacionado ao ajustamento psicológico do paciente, provindo de familiares, como na pesquisa realizada por Evan e Zeltzer (2006). Examinando o público jovem, os autores sugerem que fatores, como flexibilidade familiar e as fontes de apoio são associados a um melhor ajustamento psicológico para o paciente. Por outro lado, o estudo de Evan e Zeltzer, (2006), baseado em uma entrevista qualitativa, sugerem que fatores como a flexibilidade familiar podem trazer aos pacientes jovens a sensação de apoio enquanto enfrentam o tratamento oncológico, especialmente ao se considerar que as relações familiares podem ser fontes de turbulência, dependendo sobre o tipo de estressor na atual circunstância.

De acordo com Docherty et al. (2015), os adolescentes e adultos jovens com câncer procuram outras pessoas para obter apoio informativo e emocional, e a maioria dos jovens relataram que o câncer teve um impacto positivo em seus relacionamentos interpessoais. Os achados desse estudo indicam que relacionamentos positivos e de apoio melhoram resultados psicossociais e a qualidade de vida para os adolescentes e adultos jovens com câncer (Docherty et al., 2015).

As investigações analisadas também revelam que os efeitos psicossociais de um diagnóstico de câncer podem variar de acordo com o nível de desenvolvimento do adolescente ou jovem adulto, bem como seu estágio de tratamento para o câncer (Evan & Zeltzer, 2006). Nesta vertente, Evan e Zeltzer, (2006) mostram que a idade pode ser um fator de risco ou de proteção, relacionando a capacidade cognitiva como recurso ou um obstáculo para o adolescente e jovem adulto com câncer. Desse modo, quanto mais velho o adolescente é diagnosticado, mais controle percebido, ou seja, o senso pessoal de controle sobre o estressor.

Evan e Zeltzer, (2006) chamam atenção para o fato de que o aumento da idade pode atuar também como um fator de risco de sofrimento psíquico. Na mesma direção Barreira et al. (ano) também constatam uma associação entre a idade dos pacientes com câncer e a qualidade de vida, de modo que quanto maior a idade do jovem, pior a qualidade de vida, quando se fala sobre saúde (Evan & Zeltzer, 2006). Esses dados reforçam os achados de Docherty et al., (2015) que ressaltam a importância de compreender a complexidade dos fatores que influenciam o curso de desenvolvimento da vida do indivíduo e da família, sendo considerados como desafiadores, devido à imensa variabilidade em fatores protetores e de risco, como a letalidade, nesta ampla faixa etária (Docherty et al., 2015).

Alguns autores pontuam que a fase do tratamento oncológico também pode afetar a resiliência psicológica de jovens diagnosticados com câncer. Segundo os estudos analisados, durante o tratamento, adolescentes com câncer demonstram mais estratégias de enfrentamento do que seus pares típicos (Evan & Zeltzer, 2006). Docherty et al., (2015) também fizeram uma correlação sobre o diagnóstico e o tratamento intensivo do câncer, e destacam que ambos, representam riscos para o desenvolvimento de capacidades de saúde e recursos sociais dos adolescentes e adultos jovens.

Como visto, o diagnóstico e tratamento oncológico em pacientes adultos jovens, somado à pressão cognitiva para entender a gravidade de sua doença, juntamente com outras mudanças importantes na vida cotidiana, pode trazer sofrimento emocional significativo e sintomas de humor, como depressão e ansiedade (Docherty et al., 2015; Evan & Zeltzer 2006; Kwak et al., 2013).

Com relação à transição para sobrevivência, no período pós-tratamento, Whitaker M. et al (2013) descrevem que a qualidade de vida está relacionada à capacidade do sobrevivente em viver com as adaptações necessárias ao longo dos anos e ao grau de satisfação com as escolhas feitas em relação às oportunidades que surgem no decorrer de suas expectativas.

Em uma outra investigação, Zaremba et al. (2015) demonstrou que o perfil psicológico dos pacientes jovens sobreviventes do câncer apresenta um grau moderado de ansiedade e pouco significativo de depressão. Nesse estudo transversal com pacientes jovens atendidos nos Serviços de Oncologia do Faculdade de Medicina do ABC (Hospital Estadual Mario Covas, em Santo André, e Hospital de Ensino Padre Anchieta, em São Bernardo do Campo), notou-se um baixo nível de estresse (Zaremba et al., 2015). Além disso, observou-se a doença oncológica foi um evento que afetou os jovens, porém não o suficiente para ocorrerem repercussões psiquiátricas, como o estresse pós-traumático, ressaltando ainda, que uma parcela significativa desses pacientes possuiu sono de baixa qualidade (Zaremba et al., 2015).

Nessa perspectiva, segundo Whitaker et al. (2013), a percepção de estar livre da doença, mas ter a necessidade de manter os cuidados com a saúde, seja pelo uso de remédios ou pelos retornos ao serviço de saúde, não é fácil para o sobrevivente. De modo geral, ainda há um confronto entre o não se sentir doente e a necessidade do acompanhamento médico ao longo da vida (Whitaker et al., 2013). Segundo os estudos analisados estar satisfeito com a vida, para o sobrevivente ao câncer infantojuvenil, não depende somente de estar adaptado às sequelas do tratamento, mas sim, de como pensam ou avaliam o que é estar satisfeito com a vida (Whitaker et al., 2015).

No estudo de Docherty et al, (2015), ocorre uma preocupação de que o câncer em adolescentes e adultos jovens sobreviventes pode contribuir para o aumento da probabilidade de problemas comportamentais, dado o isolamento social que vivenciam e a intensidade de sua experiência de tratamento. Além disso as consequências dos comportamentos de risco normais dos quais os adolescentes e adultos jovens vivenciam são muito maiores para os sobreviventes de câncer

Por fim, o distanciamento do meio hospitalar, os apoios sociais e a rotina sem o tratamento são vividos pelos sobreviventes como nova oportunidade em suas vidas (Whitaker et al., 2013). Desse modo, as pesquisas analisadas demonstram preocupações com a saúde mental dos adultos jovens acometidos pelo câncer, e apontam para a necessidade de construção de intervenções voltadas para fenômenos no âmbito da saúde mental.

4.2 Assistência em saúde voltada para os jovens com câncer

Com base nas pesquisas realizadas por Whitaker et al. (2013) e, considerando a centralidade da experiência da sobrevivência ao câncer infantojuvenil, observa-se a necessidade estratégias em saúde, como a criação de um programa de atendimento multiprofissional ao sobrevivente ao câncer na infância e adolescência (Whitaker et al. 2013). Os estudos também indicam que relacionamentos positivos e de apoio com a família, cônjuges, colegas e profissionais de saúde melhoram resultados psicossociais e qualidade de vida para os adolescentes e adultos jovens com câncer (Bustos, 2017).

Em um estudo voltado para a análise de tomada de posição em um caso de adulto jovem com câncer através da perspectiva existencial, Bustos (2017) demonstra que a análise das motivações fundamentais da existência ajuda a compreender que a pessoa percebe sua vida cheia de significado e valor. Segundo o autor essa estratégia contribui para a escolha por ações que resguardem o valor pessoal do paciente e construam, em consequência, uma solução direta para uma situação problemática, seja enfrentando-a; procurando apoio social ou possíveis soluções alternativas (Bustos, 2013).

De acordo com Evan e Zeltzer (2006), utilizando o que se sabe sobre a influência das relações familiares na adaptação de adolescente e adultos jovens com câncer, as equipes de saúde podem ter conversas francas com os pacientes e suas famílias, incluindo espaço de escutados seus medos, ao mesmo tempo em que estabelece condições para escolhas sobre o tratamento e s serviços adjuvantes, de forma preventiva (Evan & Zeltzer, 2006). Portanto, na prática clínica, é importante fomentar o diálogo com os jovens, tanto quanto possível, sendo vital para emponderá-lo durante esse período vulnerável.

Assim sendo, Evan e Zeltzer (2006), levantam questões metodológicas ao examinar este tema sensível, bem como complexidades inerentes à exploração de como diferentes tarefas de desenvolvimento em diferentes estágios de desenvolvimento afetam o método de tratamento e o tipo de doença, sugerindo estudar os fatores psicossociais do câncer nos jovens um esforço desafiador e digno (Evan & Zeltzer, 2006).

5. Considerações Finais

Essa pesquisa teve como objetivo a identificação e análise dos impactos psicológicos do adoecimento por câncer e tratamento oncológico em adultos jovens. A partir do grupo de estudos analisados, é possível apontar que o diagnóstico de câncer e o tratamento oncológico, configuram-se como experiências marcantes na biografia dos adultos jovens. Uma vez que, culturalmente, a juventude é associada à saúde e à construção de projetos para o futuro, o adoecimento impõe-se à vida dos jovens, exigindo uma reconstrução dos seus modos de vida.

Além disso, os estudos analisados apontam para a recorrente presença de sintomas psíquicos, como o estresse, a ansiedade, as angustias, os distúrbios do sono, após o tratamento oncológico. Também são evidenciadas implicações nas dinâmicas familiares, já que a nova condição, imposta pela enfermidade, exige maior preocupação e necessidade amparo familiar, elevando ainda mais o sofrimento desses sujeitos.

É importante destacar a incipiência de estudos acerca da temática, de modo que são mais comuns os estudos com crianças e adultos, deixando uma lacuna quanto à juventude. Estudos futuros poderão ser desenvolvidos, sobretudo a partir da escuta dos jovens que convivem ou sobreviveram ao câncer. Nesse sentido, investigações qualitativas são necessárias para esse fenômeno. Essas investigações devem considerar, ainda, as multiplicidades de possibilidades de ser jovem, abrindo espaço para as especificidades de grupos sociais, como as questões de gênero, étnico-raciais, escolaridade, classe, dentre outros.

Essas pesquisas poderão contribuir para ampliar a compreensão sobre o processo de saúde e adoecimento dos jovens com câncer e também auxiliar na compreensão das demandas das suas famílias e grupos de pertença. Também é importante que as equipes e profissionais de saúde se atentem às singularidades desse grupo, rompendo com o modelo biomédico e possibilitando um cuidado integral e humanizado.

Referências

- Bustos, L. D. (2017). *Análisis de la Toma de Posición en un caso de adulto joven con cáncer desde la perspectiva Existencial*. Tesís de Licenciatura en Psicología. Facultad de Psicología. Universidad Del Acongua – Argentina.
- Bleye,r A. (2007). Young adult oncology: the patients and their survival challenges. CA: A Cancer Journal for Clinicians 57, 242-55. <https://doi.org/10.3322/canjclin.57.4.242>
- Campos, S. R., & Goto, T. A. (2017). Os Conflitos e Valores na Juventude: Transição para a Maturidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(3), 350-361. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000300011
- Canesqui, A. M. (2007). *Olhares socioantropológicos sobre os adoecidos crônicos*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- Ceolin, V. E. S. (2008). A família frente ao diagnóstico do câncer. In: C. F. M. Hart (Org.) *Câncer: Uma abordagem psicológica* (pp. 118-128). Porto Alegre: AGE.
- Docherty, S., Kayle, M., Maslow, G., & Santacroce, S. J. (2015). The adolescent and young adult with cancer: a developmental life course perspective. *Seminars in Oncology Nursing*, 31(3), 186-96. <https://doi.org/10.1016/j.soncn.2015.05.006>

- Domingues, G. R., Alves, K. O., Carmo, P. H. S., Galvão, S. S., Teixeira, S. S., & Baldoina, E. F. (2013). A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. *Psicologia Hospitalar*, 11(1), 2-24. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092013000100002
- Duarte, I. V., & Galvão, I. A. (2014). Câncer na adolescência e suas repercussões psicossociais: percepções dos pacientes. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar SBPH*, 17(1), 26-48. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582014000100003
- Evan, E. E., & Zeltzer L. K. (2006). Psychosocial dimensions of cancer in adolescents and young adults. *American Cancer Society*, 107(7 Suppl), 1663-71. <https://doi.org/10.1002/cncr.22107>
- Hermes, H. R., & Lamarca, I. C. A. (2013). Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2577-2588. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900012>
- Horta, N. C., & Sena, R. R. (2010). Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 20(2), 475-495. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000200008>
- Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva - Inca. (2011). *ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer*. Instituto Nacional de Câncer. – Rio de Janeiro: Inca, 128 p.
- Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. (2020). Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. – Rio de Janeiro: INCA.
- Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Hospital do Câncer I. (2014). Seção de Psicologia. Sofrimento psíquico do paciente oncológico: o que há de específico? Rio de Janeiro: INCA.
- Kwak, M., Zebrack, B. J., Meeske, K. A., Embry, L., Aguilar, C., Block, R., Hayes-Lattin, B., Li, Y., Butler, M., & Cole, S. (2013). Trajectories of psychological distress in adolescent and young adult patients with cancer: a 1-year longitudinal study. *Journal of Clinical Oncology*. 31(17), 2160-2166. <https://doi.org/10.1200/JCO.2012.45.9222>
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>
- Mello, D. B. (2011). *Juventude e adoecimento crônico: os significados de ser jovem com doença renal crônica no contexto das trocas de bens de cuidado*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher. Rio de Janeiro, Brasil.
- Miedema, B., Hamilton, R., & Easley, J. (2017). From “invincibility” to “normalcy”: Coping strategies of young adults during the cancer. *Journey. Palliative & Supportive Care. Palliat Support Care*, 5(1), 41-9. <https://doi.org/10.1017/s147895150707006x>
- Ministério da Saúde. Departamento de Ciência e Tecnologia, Secretaria de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde. (2007). *Integração de informações dos registros de câncer brasileiros*. Brasília: DF.
- Nascimento, et al. (2018). O impacto Psicológico Causado pelo Diagnóstico de Câncer em Adolescentes. *Revista Psicologia Unime*, 1, 1-19. <https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/23636>
- Presti, P., Macedo C., R., Caran, E. M., Rodrigues, A. H., & Petrilli, A. (2011). Estudo epidemiológico de câncer na adolescência em centro de referência. *Revista Paula Pediatría*, 30(2), 210-216. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822012000200009>
- Rossi, A. S. (2001). Juventude e Morte: Representações na Contemporaneidade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, 35(2), 155-175. <http://dx.doi.org/10.5380/his.v35i0.2678>
- Salles, L. (2015). *Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos*. Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.
- Soares, S. J. (2009). Pesquisa Científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. *Ciranda*, 1(3), 168-180. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314>
- Soares, M. R. (2015). *Juventude e vulnerabilidade social*. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana: UNISAL.
- Souza, C., & Paiva, I. L. (2012). Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de psicologia. (Natal)*, 17(3), 353-360. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300002>
- Sposito, M. P., & Carrano, P. C. R. (2003). *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação e Ação Educativa: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação Observatório Jovem do Rio de Janeiro.
- Volpini, F. S. (2007). *O adolescente frente ao câncer: Hospitalização e processos psicológicos*. Universidade Federal do Rio grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre – RS.
- Whitaker, M., Nascimento, L. C., Bousso, R. S., & Lima, R. A. (2013). A vida após o câncer infantojuvenil: experiências dos sobreviventes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(6), 873-878. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000600010>
- Zaremba, G., Píspico, B. C., Monteiro, C. R., Serai, M., Martins, H., Santos, E. J., Gouveia, M. C., Trufelli, D., & Giglio, A. (2015). Alterações psicológicas em adultos jovens que sobreviveram ao câncer: uma análise de sua qualidade de vida. *Clinical Oncology Letters*. 1(1), 19-23. <http://www.col.periodikos.com.br/article/5c6ffec60e8825a73f8e6fd5>